



A DIFERENÇA EDUCACIONAL ENTRE GENEROS NO COLÉGIO JESÚTICO DO RIO DE JANEIRO NO SÉCULO XVI

Amanda Vitor Dourado - (UEM)

INTRODUÇÃO

O foco da pesquisa remete-se à diferença entre os gêneros durante o século XVI na educação brasileira, em específico no Colégio do Rio de Janeiro. O objetivo da discussão foi analisar os papéis masculino e feminino para a educação no século XVI. Notaremos a divergência de papeis nessa sociedade que pretendiam cumprir com a exigência da época.

O homem para a Igreja durante o século XVI era considerado virtuoso e ainda cumpria com os objetivos políticos, sociais e econômicos da época, sendo assim, a educação ficou à mercê dos jesuítas que também possuíam objetivos sociais, econômicos e religiosos com a educação. Analisando o Colégio do Rio de Janeiro é possível identificar vestígios do poder masculino que foi construído ao longo da história brasileira e que se reflete nos dias atuais.

Conforme Serafim Leite (1956) o Colégio do Rio de Janeiro, passou por um processo histórico, relacionado à conflagrações políticas, econômicas, religiosas, fortemente relacionadas à estrutura educacional e hierarquia de gênero.

Devido às escrituras bíblicas, e os dogmas da Igreja, interpretados pelos católicos, os homens eram apropriados para seguir a vida cristã e assim, estarem aptos a ensinar crianças indígenas a se comportarem dentro da cultura portuguesa e, também, formar novos representantes e fiéis para a igreja católica.

A educação transmite os valores sociais e essa reprodução estereotipada de hierarquização entre homens e mulheres é uma questão social que ocorre desde os primórdios da civilização e se reflete na sociedade contemporânea de modo bem mais impactante do que se imagina. Desde em relação ao ingresso na escola, até a competição no trabalho e dentro das relações familiares.

OBJETIVOS:

- Investigar como ocorreu o processo educacional entre homens e mulheres no Colégio do Rio de Janeiro no período colonial;*
- Analisar o papel social desempenhado por cada gênero no século XVI;*

MATERIAIS E MÉTODOS



Metodologicamente bibliográfica documental e qualitativa, a pesquisa contou com uma análise de diversos materiais bibliográficos desde livros e sítios eletrônicos a documentos. Após a leitura e fichamento dos textos foi possível redigir o trabalho. As leituras tiveram as contribuições de vários autores. O primeiro deles foi à obra de Serafim Leite (1956) Monumenta Brasiliae e no Livro História da Companhia de Jesus no Brasil (2004) nos permite entender a estrutura do Colégio do Rio de Janeiro, o local em que esteve construído e as disciplinas estudadas pelos meninos.

Padre Manuel da Nóbrega (1931) nas Cartas do Brasil (1549-1560) permite comprovar em fontes primárias acontecimentos políticos, religiosos e econômicos, pois as cartas possuem grande contribuição historiográfica. Já Vanir Chagas (1980) em Educação Brasileira: O ensino de 1º e 2º grau. Antes, agora e depois, promove uma reflexão entre a escola do século XVI e a trajetória que ocorreu até os dias atuais, isto é, houve algumas mudanças, porém ainda, em pleno o século XVI, há vestígios da era colonial em nosso sistema educacional de ensino.

No livro “O cotidiano brasileiro no século XVI” de Hernâni Donato (2000), deixa evidente a vida colonial no Brasil e o que chama a atenção é que a mulher nesse período, não generalizando, é de serem feitas para casarem e cumprirem com o papel de cuidadoras do lar. Para reforçar ainda mais essa questão, Arlinda Inês Miranda Ribeiro (2000) em: Mulheres educadas na colônia texto do livro- 500 anos de Educação no Brasil, se apoia em fontes primárias para demonstrar a situação que as mulheres se encontravam em território brasileiro.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Companhia de Jesus foi fundada com o objetivo de reagir contra a reforma protestante que ocorreu na Europa no século XVI. A solução encontrada foi espalhar a fé cristã pelo mundo e aqui no Brasil não foi diferente. Até 1534 a mulher branca não esteve presente no Brasil, pois “[...] quando o rei dividiu a colônia em capitânicas, não há notícias de mulheres brancas no Brasil. [...]” (DONATO, 2000, p. 40) Porém, em 1550, elas começaram a chegar ao território brasileiro. As mulheres mamelucas que casassem com portugueses recebiam o seu nome, assim como as demais, isto é, (...) tanto as autoridades como os jesuítas, pediram constantemente a Portugal meninas brancas órfãs ou solteiras para formarem famílias ao modo lusitano e conforme a religião. O padre Manuel da Nóbrega em sua carta ao padre Simão em Lisboa (1549) organizada por Serafim Leite nas Cartas do Brasil e mais Escritos do Pe. Manuel da Nóbrega demonstra sua preocupação com a falta de mulheres para casamento na colônia;

[...] Todos se me escusão que non tem molheres com que casem, e conheço eu que casarião se achassem com quem; e tanto, que huma molher, ama de hum homem casado que veo nessa armada, pelejavão sobre ella a quem averia por molher, e dizião lha querião



forrar. Parece-me cousa muy conveniente mandar S.A. algumas mulheres, que lá tem pouco remédio de casamento a estas partes, ainda que fossem erradas, porque casaram todas muy biem, com tanto que nom sejam taes que de todo tenham perdida a vergonha a Deus e ao mundo. E digo que todas casam muito bem, porque hé terra muito grossa e larga, e huma pranta que se faz huma vez dura X annos aquella novidade, porque asi, como vão apanhando as raízes, prantam logo os ramos e logo arrebetão. De maneira que logo as mulheres terão remédio de vida, e estes homens remediarião suas almas, e facilmente se povoaria da terra. (NÓBREGA, 1549, p.30)

A conversão do gentio propiciava a transmissão da fé e da ideologia religiosa católica, sendo assim, em 1549 os jesuítas iniciaram o processo educacional em terras brasileiras. Primeiro a educação se manifestou em aldeamentos e missões, porém, como o Brasil começou a ser atacado por outros impérios devido haver muitas riquezas na colônia, foi necessário que Portugal colonizasse-a.

A região da Baía da Guanabara era cobiçada por portugueses e franceses, isso ocasionou grande disputa. A guerra entre portugueses e franceses, local onde foi implantada mais tarde São Sebastião em 1565 e o Colégio jesuíta do Rio de Janeiro, foi muito conflituosa, mas a vitória foi conquistada pelos portugueses com a ajuda da tribo de Arariboia. Inês de Souza participou desse conflito foi para a Guerra no Rio de Janeiro durante a ausência de seu marido Salvador Correia de Sá.

Em 1567, padre Manuel da Nóbrega, pretendeu fundar a instituição escolar no Rio de Janeiro, porém devido sua morte o processo foi retardado. Quem assumiu o projeto da construção do colégio foi o padre Gonçalo de Oliveira. O processo perdurou por longo período, pois a igreja católica não possuía recursos financeiros suficientes para a efetivação a curto prazo.

De acordo com Rachel Silveira Wrege (2012) o financiamento da construção do colégio foi realizado pela administração portuguesa, o que fez com que ele fosse fundado em 1691. Os meninos recebiam a educação jesuítica, enquanto as meninas não participavam da vida colegial, apesar de algumas receberem educação no interior de suas casas ou em outros recintos de modo informal.

O homem, nesse período foi extremamente relevante à educação brasileira durante o período colonial, pois conforme padre Manuel da Nóbrega (1931) o processo de fundação do Colégio do Rio de Janeiro atrelou-se ao desenvolvimento da cidade de São Sebastião que se apoderou da mão de obra masculina e ainda, participavam das guerras em busca de novos territórios.



Após a implantação do plano de estudo jesuítico, Ratio Studiorum em 1599, o ensino nos colégios no Brasil detinham um único padrão, cuja finalidade era organizar as avaliações e os métodos de ensino no século XVI. Os meninos então recebiam curso de Filosofia, Teologia Moral, cursos elementares de ler e escrever, algarismo e Humanidades. Afirma Valnir Chagas (1980) que o Ratio Studiorum (1599) nos três primeiros anos dos estudos havia aulas de ler e escrever, matérias de gramática, filosofia e teologia e já as aulas de Retórica e Humanidades eram ensinadas no segundo ano com duração também de três anos.

O Grego e o Hebraico também faziam parte dos planos de estudos dos meninos e ainda, Serafim (2004) o curso de História e Geografia estava incluído na disciplina de Humanidades que eram essenciais para aprender a compreensão correta de textos.

As casas de bê-á-bá eram outro modelo de educação e foram implantadas pelos padres jesuítas para ensinar os indígenas a doutrina católica e o ensino de ler e escrever. Como os indígenas sentiram-se “indignados” pelo fato de suas filhas não frequentarem as aulas promovidas pelos jesuítas, o padre Manuel da Nóbrega solicitou a Rainha de Portugal que permitisse a participação das meninas à instrução jesuítica, porém, segundo Arilda Inês Miranda Ribeiro (2000) o pedido foi negado.

Ao longo da história humana o gênero masculino sempre esteve associado a questões de astúcia, resistência, rusticidade, coragem, etc. Já o feminino considerado na maioria das vezes como alguém submissa ao homem e fragilizada, submissa aos mandos e desmandos de seus pais ou maridos e da igreja católica. Qualquer regra descumprida era motivo de desobediência à Deus e muitas delas não eram alfabetizadas, pois isso não era necessário, porque “serviam” apenas para cuidarem dos lares, serem companheiras e para dar prazer sexual aos seus maridos.

O Colégio do Rio de Janeiro permaneceu no Morro do Castelo até 1759, pois os jesuítas nesse período foram expulsos do poderio educacional. Iniciaram-se em então, reformas educacionais e a mulher começa a ganhar espaço na sociedade durante as transformações históricas produzida pelos homens ao longo dos séculos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação feminina perdurou por muito tempo como inferior a do homem, porém a mulher a cada dia que passa ganha espaço na sociedade. Em relação à educação que temos na atualidade, é possível perceber avanços e retrocessos, no que diz respeito ao gênero na escola brasileira e que precisa ser repensada para que a igualdade humana seja conquistada.

As meninas indígenas no século XVI foram rejeitadas como estudantes no colégio jesuíta do Rio de Janeiro, devido aos objetivos religiosos da Igreja Católica



e políticos da Coroa portuguesa. Entretanto, as transformações humanas provocaram uma nova configuração para a educação, permitindo então a educação feminina, mesmo que ainda percebamos a desigualdade de gênero nos diversos espaços sociais.

REFERÊNCIAS

CHAGAS, V. **Educação Brasileira: O ensino de 1º e 2º grau. Antes, agora e depois.** ed. 2. São Paulo: Saraiva, 1980.

DONATO, Hernâni. **O cotidiano brasileiro no século XVI.** São Paulo: Melhoramentos, 2000.

LEITE, S. **Monumenta Brasiliae.** v.II. Roma: Monumenta Historica Societatis Iesu, 1956.

_____. **Cartas do Brasil e mais escrito do P. Manuel da Nóbrega.** Coimbra: Pela Ordem da Universidade, 1955.

_____. **História da Companhia de Jesus no Brasil.** t. IV, São Paulo: Loyola, 2004

NÓBREGA, M. **Cartas do Brasil (1549-1560).** v. II. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1931.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. **Mulheres educadas na colônia.** In: **500 anos de Educação no Brasil.** Belo Horizonte: autêntica, 2000. p.79-94

WREGGE, S. Raquel. **O Colégio da Companhia de Jeus no Rio de Janeiro e suas peculiaridades.** IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil” Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2012. Disponível em:

<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/2.4_0.pdf> Acesso em: 08 mar. 2014.